

# CACHIMBOS CERÂMICOS DO SÍTIO ALDEIA DO CARLOS – PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA – PIAUÍ – BRASIL

Adriana Mayra de Almeida Soares<sup>1</sup>  
Crisvanete de Castro Aquino<sup>1</sup>

## RESUMO

Análise estilística dos fragmentos de cachimbos cerâmicos encontrados no Sítio Aldeia do Carlos. Uma compilação de dados que objetiva contribuir com a identificação do perfil técnico-cerâmico do sítio, balizado por uma amostragem da cerâmica coletada na área; enfatiza a prática do fumo entre os grupos ceramistas que ali viveram. Para tanto, propôs-se a contextualização com as tradições ceramistas presentes no sudeste do Piauí, ressaltando as similitudes com outras aldeias do Parque Nacional Serra da Capivara. As datações por termoluminescência (TL), apresentaram 3 períodos de ocupação, 300–400, 600–800 e 1.100–1.200 anos BP para o sítio. Os cachimbos cerâmicos apresentam elementos decorativos que permitem estabelecer um repertório estilístico desses objetos.

9

PALAVRAS-CHAVES: Cachimbo; Cerâmica; Aldeia do Carlos.

## ABSTRACT

This article provides a stylistic analysis of ceramic pipes fragments found on the Site Aldeia de Carlos. A compilation of data aims to contribute to the identification of the ceramic technical profile of the site, marked by a pottery sample collected in the field and emphasizes the practice of smoking among potters groups who lived there. Therefore proposed to context with the potters traditions present in southeastern Piauí, highlighting the similarities with other villages of the Serra da Capivara National Park, with the guiding element dating thermoluminescence that presented three periods of occupation 300-400, 600-800 and 1100-1200 years BP to the site. The style observed in ceramic pipes and utilitarian pottery site feature decorative elements that allow us to know of the potter stylistic repertoire of there why groups passed and collaborates with the propositions of the area is a corridor of passage.

KEY-WORDS: Pipe, ceramic, Aldeia do Carlos.

---

<sup>1</sup> FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO - FUMDHAM.

Com a análise estilística dos fragmentos de cachimbos cerâmicos encontrados no Sítio Aldeia do Carlos, obtiveram-se dados para a identificação do perfil técnico-cerâmico do sítio, assim como destacou-se a prática do fumo entre os grupos ceramistas que ali viveram. Para tanto, far-se-á a contextualização com as tradições ceramistas presentes no sudeste do Piauí, enfatizando as similitudes com outras aldeias do Parque Nacional Serra da Capivara. As datações por termoluminescência, Azevedo (2011), apresentaram 3 períodos de ocupação, de 300–400, 600–800 e 1.100–1.200 anos AP para o sítio.

As pesquisas no Parque Nacional Serra da Capivara catalogaram 1.348 sítios arqueológicos, sendo que, em 119 deles, foram encontrados vestígios cerâmicos; contudo, apenas 26 possuem datações diversas. A cerâmica encontrada é lisa em sua maioria, e algumas foram decoradas por incisão, impressão de dedos ou com pintura.

Segundo Maranca (1991), que realizou pesquisas documentadas sobre os agricultores ceramistas do Sudeste do Piauí, os primeiros ceramistas apareceram na região por volta de 3.000 anos AP e podem ser acompanhados até 420 anos BP. Os dados foram obtidos nos sítios Aldeia da Queimada Nova, Barreirinho, Cana Brava e São Braz, caracterizados como possíveis aldeias, utilizadas pelos grupos indígenas até o período colonial e que originaram os primeiros povoados e vilas da região.

Nas aldeias citadas, além de cerâmica utilitária foram encontrados utensílios diversos, como lítico, tanto de pedra lascada como polida; cachimbos; e urnas funerárias.

Oliveira (2000), em pesquisa sobre os sítios Aldeia da Queimada Nova, Barreirinho e Baixão da Serra Nova infere que estes apresentam cerâmica com decoração diversificada: corrugada, ungulada, escovada, incisa, pintada (engobo branco e desenho geométrico em vermelho e preto) com diferentes formas e tamanhos de vasos. Existem peças com espessura de parede de 3 mm extremamente finas, bem polidas, boa queima, cachimbos e vasilhas de vários tipos e tamanhos.

Ressalta-se ainda que, em abrigos com cerâmica — caso da Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz e Toca do Pitombi —, o material analisado também possui uma datação contemporânea ao período do contato. O que permite as proposições, segundo Oliveira (2007), de que grupos humanos utilizaram a região do sudeste do Piauí de forma contínua, não obstante as pesquisas apresentarem lacunas cronológicas; e, ainda, de que a grande variedade de vestígios da cultura material na área do Parque aponta para uma diversidade de grupos étnicos na região, desde a Pré-história.

Ao comparar os dados arqueológicos e as informações etno-históricas, constata-se uma compatibilidade que aponta para a existência de grupos indígenas no interior antes do litoral, como afirma Oliveira:

“[...] podemos assegurar que o interior do Nordeste já estava ocupado e que, quando os grupos indígenas do litoral foram pressionados para o interior, encontraram já essa área ocupada. O que confirma a hipótese de Soares de Souza de que esses grupos teriam vindo do sertão para o litoral” (OLIVEIRA, 2002, p.185).

No caso do sudeste do Piauí, não se pode afirmar que os povos pré-históricos eram os mesmos que tiveram contato com o colonizador, embora tudo indique que, no caso dos ceramistas situados em aldeias, estes seriam os ancestrais de populações depois contatadas pelo invasor europeu; pois, se possuíam recursos e formavam aldeias, não tinham motivo para abandonar a área sem pressão de outros grupos indígenas e posteriormente dos europeus. (OLIVEIRA, 2007).

No que diz respeito ao estudo sistemático dos grupos ceramistas do Nordeste foram estabelecidos, de acordo com Oliveira (2000), durante o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa), parâmetros regionais que apontam para uma cerâmica com as seguintes características: escassa decoração (ponteadas, incisadas, unguiladas, pinçadas, polidas e estriadas) e vasilhas predominantemente de formas simples. Há ainda a presença de elementos decorativos ou de tratamento de superfície, que permitiram a filiação em 3 tradições regionais, Aratu, Periperi e Una. Não obstante as críticas aos procedimentos do Pronapa, os dados obtidos vêm servindo de base para as proposições e novas pesquisas sobre o tema no Nordeste.

Considerando a área de dispersão da tradição Aratu, de acordo com Calderon (1969 *apud* Martin, 2008) os sítios arqueológicos da tradição Aratu estão situados numa área que corresponde à faixa litorânea, desde Porto Seguro até a foz do Rio São Francisco, em Alagoas. São encontrados especialmente no Recôncavo Baiano, no litoral norte e nos vales do Itapicuru, Inhambuque e Rio Real. Alguns sítios foram registrados, também, na divisa da Bahia com o Espírito Santo, em Minas Gerais, em São Paulo e na Chapada Diamantina. Há ocorrências esporádicas nos municípios de Jequié, Miguel Calmon e Morro do Chapéu, no Estado da Bahia, e em São Raimundo Nonato, Estado do Piauí, o que, segundo Calderon, são exceções que poderiam indicar rotas migratórias da fase Aratu dessa tradição.

Os elementos decorativos apresentados pelos vestígios cerâmicos da Aldeia do Carlos, entre cachimbos e vasilhames utilitários, permitem conhecer parte do repertório estilístico

dos grupos ceramistas que habitaram a região em períodos pretéritos, entretanto são incipientes para traçar uma correlação com uma possível tradição ceramista.

## SÍTIO ALDEIA DO CARLOS

O Sítio Aldeia do Carlos é um sítio a céu aberto em baixa vertente, nas coordenadas geográficas UTM N 0770514 e L 9042967, com altitude de 524 m, localizado na região do Gongo, município de João Costa, dentro dos limites do Parque Nacional Serra da Capivara, delimitado em 500 m<sup>2</sup>.

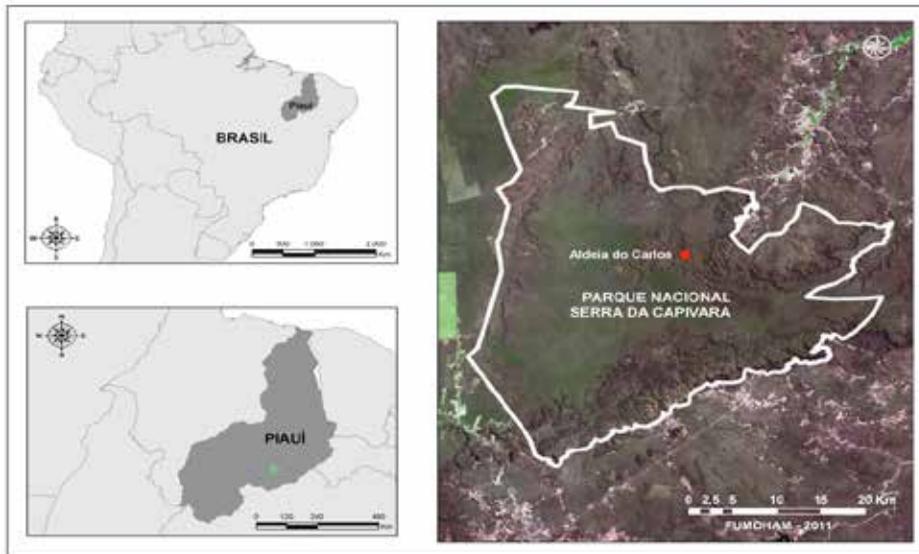


Figura 01 – Localização do Sítio Aldeia do Carlos – Parque Nacional Serra da Capivara.  
Fonte: Laboratório de Geoprocessamento – Fumdhm.

A região do Gongo está localizada dentro da unidade morfoestrutural Patamares Estruturais Nordeste, que, segundo Santos (2007), “não apresenta cobertura sedimentar quaternária significativa”.

A área do sítio em consonância com Santos (2007) insere-se no conjunto geomorfológico do planalto arenítico, estando sua posição geomorfológica no anfiteatro de erosão, com afloramentos de arenito silicificado de coloração rósea da Formação Itaim. A vegetação é tipo caatinga com predominância das famílias: *Mimosaceae* (juremas), *Leguminosae* (jatobás), *Euphorbiaceae* (marmeleiro, quebra-facão, aroeira, favela umbuzeiro), *Caesalpinaceae* (pau-ferro, pau-de-rato), *Rhamnaceae* (juazeiro), *Cactaceae* (mandacaru, xique-xique, rabo-de-raposa), *Bromeliaceae* (caroá, macambira, croatá).

A equipe da Fundação Museu do Homem Americano – Fumdhm, no ano de 2006, em campanha arqueológica no referido sítio, realizou a coleta sistemática dos artefatos em superfície e executou o desenho planimétrico do sítio. Foram coletados 57.292 fragmentos de vasilhames cerâmicos, 44 fragmentos de discos e 78 fragmentos de cachimbo, também chamados de *pitos*, em um total de 57.414 vestígios cerâmicos (Figura 2) e ainda artefatos líticos como: lascas retocadas e sem retoques, raspadores, núcleos, fragmentos de lascamento, além de percutores.

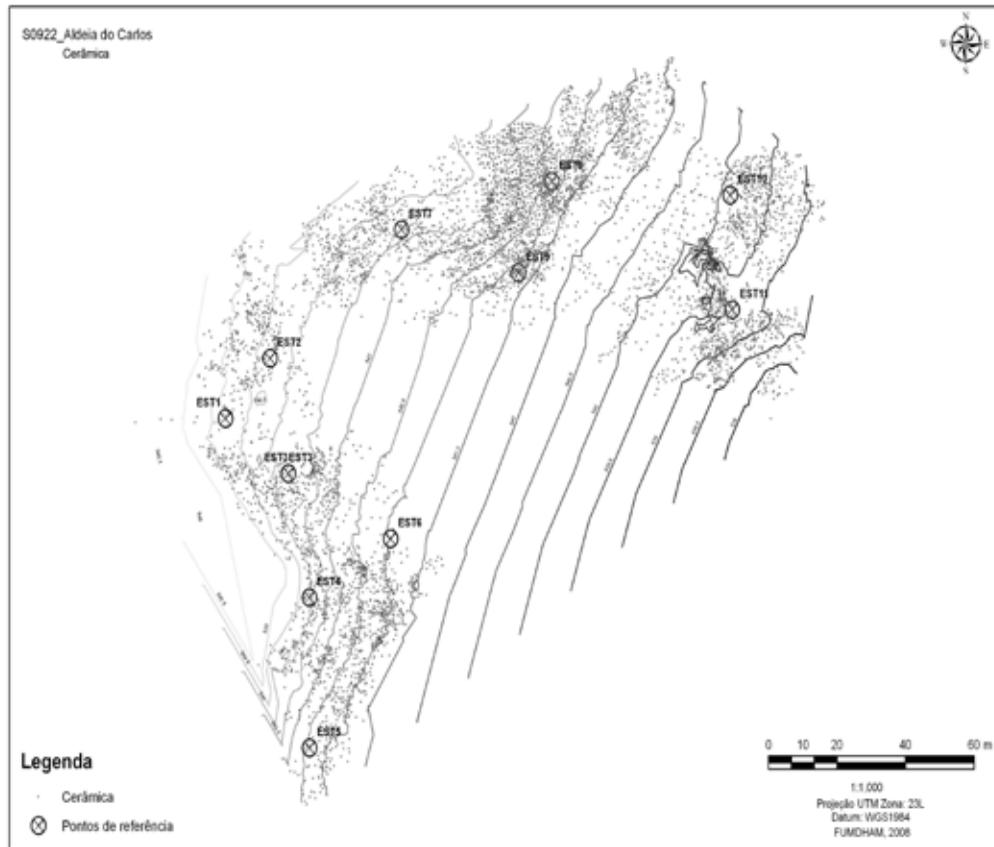


Figura 2 - Distribuição espacial dos vestígios cerâmicos do Sítio Aldeia do Carlos  
Fonte: Laboratório de Geoprocessamento – Fumdhm.

## ANÁLISE DOS CACHIMBOS

Antes de traçar a análise estilística dos fragmentos de cachimbos, é preciso aclarar os conceitos e terminologias que foram aplicados neste trabalho, utilizados de forma sistemática para obter dados que corroborem com a identificação do perfil técnico-cerâmico do Sítio Aldeia do Carlos.

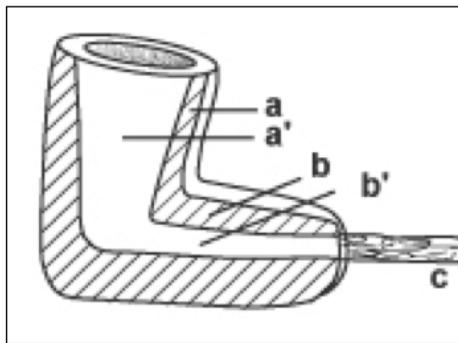
Oliveira (2000) conceitua o perfil cerâmico como uma estrutura caracterizada por elementos técnicos, morfológicos, funcionais e decorativos, onde cada elemento deve ser compreendido dentro de sua relação com outros elementos e as formas com quais se organizam entre si. Os elementos técnicos compreendem todas as técnicas de produção do objeto (tratamento de superfície, decoração, manufatura, queima e antiplástico). Os elementos morfológicos são a forma, o tamanho e todos os atributos ligados à forma dos objetos. Os elementos funcionais caracterizam a finalidade de utilização de cada objeto.

Cachimbo é um instrumento para fumar principalmente tabaco, geralmente feito de madeira, osso, pedra ou argila, sendo constituído das seguintes partes: corpo do fornildo, fornildo, porta-boquilha, chaminé e boquilha

(Figura 3).

Fornildo é a cavidade em forma de funil que recebe o tabaco; chaminé é o canal por onde passa a fumaça. É conveniente distinguir sempre fornildo e corpo de fornildo. A boquilha é quase sempre postiça e constituída por um canudo”(SERRANO,1937).

14



- a - Corpo do fornildo
- a' - Fornildo
- b - Porta-boquilha
- b' - Chaminé
- c - Boquilha

Figura 3 - Partes constituintes do cachimbo - Fonte: Caldarelli, 2003.

As técnicas de manufatura dos cachimbos foram analisadas em conformidade com a terminologia dos atributos, definida por Chmyz (1976), La Salvia e Brochado (1989) em:

- Modelado: A cerâmica é confeccionada através de modelagem à mão livre; a partir da porção de argila, com os dedos se modela a peça pretendida;

- Moldado: A cerâmica é produzida através da utilização de moldes. A porção de argila é aplicada dentro de um molde pré-fabricado, que dará, após a junção das partes, a peça.

Em relação às características morfológicas do corpo, do fornildo e da boquilha, consoante com Brochado (1989), Serrano (1938), D'Aquino (2001) e Luna (2001), distinguem-se dois tipos de forma de cachimbo: tubular e angular.

O tubular apresenta o forninho na mesma linha horizontal que a boquilha, possuindo em seu vértice um orifício para a introdução da piteira; o angular tem forninho e porta-boquilha formando mais ou menos um ângulo reto, o forninho é externamente e internamente cônico, adaptado sobre uma base espessa de cerâmica, no centro do cachimbo há um orifício que o interliga à piteira.

A evolução do cachimbo tubular é representada pelo aumento de tamanho do forninho, às vezes bem diferenciado da piteira. A passagem do cachimbo tubular para o cachimbo angular foi provavelmente motivada por razões funcionais, como a exigência de não fazer cair o tabaco aceso e diminuir o comprimento.

A funcionalidade foi explicitada a partir do uso do cachimbo como instrumento para fumar tabaco.

## DADOS DA ANÁLISE DOS CACHIMBOS DA ALDEIA DO CARLOS

Os cachimbos da Aldeia do Carlos compreendem 78 peças distribuídas conforme a Figura 4, entre cachimbos completos e incompletos; forninhos; porta-boquilhas e base da peça (Figuras 5 a 11).

15

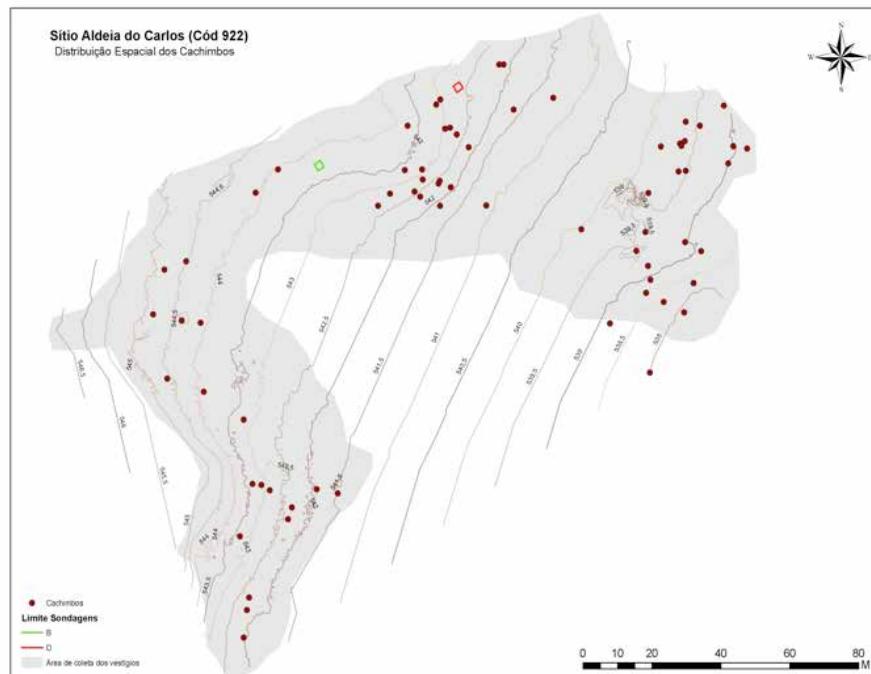


Figura 4 - Distribuição espacial dos Cachimbos no Sítio Aldeia do Carlos.  
Fonte: Laboratório de Geoprocessamento – Fumdam

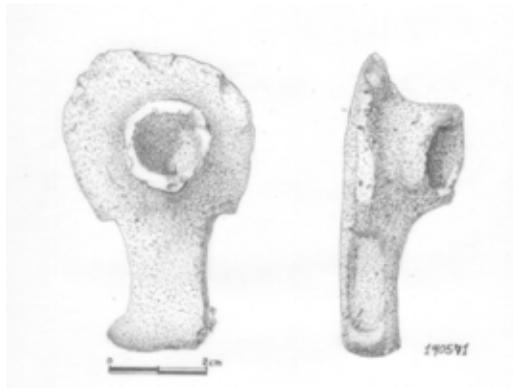
Ao observar os fragmentos dos cachimbos, considerou-se, para efeito de classificação como cachimbo, a peça em que se pode precisar o fornilho e a boquilha, mesmo que fragmentados, agrupando os demais fragmentos em base, fornilho e boquilha, inteiros ou fraturados.

A análise dos cachimbos revelou a existência de seis tipos de cachimbos, com elementos similares quanto à técnica de manufatura, modelada, e decoração alisada, mas díspares no sentido do diâmetro do fornilho, comprimento e terminação da boquilha. Terminologias utilizadas, também, como referência para agrupar os fragmentos das partes constituintes do cachimbo. A saber, tem-se a seguir a representação em desenho de 5 tipos de cachimbo identificados no conjunto da Aldeia do Carlos (Quadro 1):

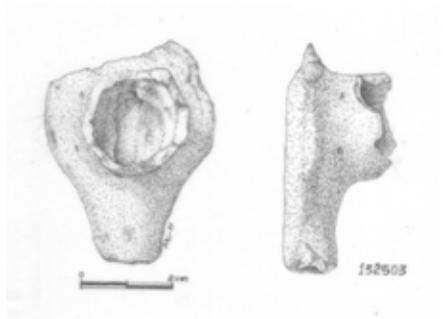
#### Representação das Formas dos Cachimbos Cerâmicos – Sítio Aldeia do Carlos



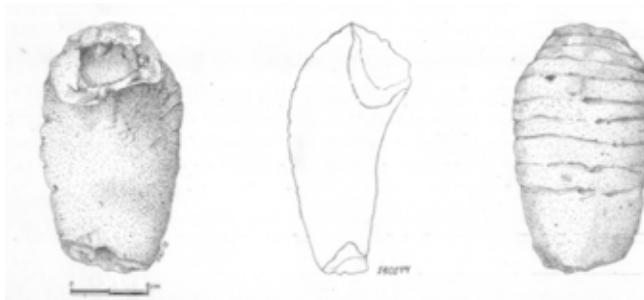
Tipo 1 - Cachimbo tipo angular composto por base com apoio nas duas laterais, fraturado no lado direito; fornilho médio e cilíndrico de secção circular; porta-boquilha de terminação reta. Apresenta decoração alisada e uma linha em relevo na parte dorsal da porta-boquilha.



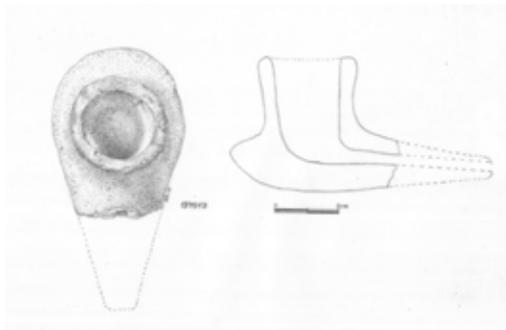
Tipo 2 - Cachimbo tipo angular composto por base arredondada; fornilho curto e cilíndrico de secção circular; porta-boquilha com laterais côncavas de terminação pisciforme. Apresenta decoração alisada e sulcos nas duas laterais que formam a porta-boquilha. A terminação da boquilha está fraturada, mas se observa uma parte semelhante à cauda de peixe (pisciforme)



Tipo 3 - Cachimbo tipo angular composto por base arredondada fragmentada; fornildo curto e cilíndrico de secção circular; porta-boquilha de terminação reta. Apresenta decoração alisada e espaçamento pequeno entre fornildo e porta-boquilha que revelam uma peça de proporções pequena em relação aos demais.



Tipo 4 - Cachimbo tipo tubular com leve inclinação do fornildo, embora fragmentado é possível notar que o fornildo não tem forma cilíndrica como os angulares. Porta boquilha e fornildo formam um tubo. Decoração incisa linear na parte dorsal com 9 linhas paralelas que distam 2 mm entre si. O formato sugere uma cabeça de cobra.



Tipo 5 - Cachimbo tipo angular composto por base bem arredondada; fornildo médio e cilíndrico de secção circular; embora fraturado utilizando o princípio matemático de prolongamento de retas e proporcionalidade, foi possível fazer a projeção da porta-boquilha de terminação reta.

Quadro 1 - Representação das Formas dos Cachimbos Cerâmicos – Sítio Aldeia do Carlos.

Fonte: Laboratório de Cerâmica – Fumdham

Após o agrupamento dos cachimbos nessa classificação, foram identificados 2 cachimbos do tipo 1, 6 cachimbos do tipo 2, 3 cachimbos do tipo 3, 1 cachimbo do tipo 4 e 8 cachimbos do tipo 5. Ainda há, 1 exemplar que pertenceria a um tipo 6, com fornildo longo e provavelmente base e boquilha de proporções maiores, mas como base e boquilha estão muito fraturadas não foi possível fazer a representação da forma em desenho.

A título de informação, considerou-se como técnica de manufatura moldada os cachimbos e/ou fragmentos que apresentaram quebras estratégicas, ou seja, o fornilho se fragmentou na junção com a base e o fornilho de formato cilíndrico com alisamento interno sugere uma peça que foi colocada em molde. A modelada apresenta acabamento mais impreciso, observa-se marcas de imperfeições deixadas pelos dedos na parte interna do fornilho e não há evidências de junção das partes, a partir da base se modelam o fornilho e a boquilha. Definiu-se, também, em relação à morfologia das partes: como fornilho curto os que apresentam de 1 a 2 cm de comprimento a partir da base; médio os de 2 a 3 cm; e longo os que apresentam comprimento acima de 3 cm. Quanto às porta-boquilhas, classificaram-se as terminações como retas e pisciformes (semelhantes a uma cauda de peixe).

Os números que concernem à análise dos cachimbos da Aldeia do Carlos totalizaram 78 fragmentos, entre cachimbos completos e partes, destes 7 (9%) correspondem à técnica de manufatura moldada, 35 (45%) modelada e em 36 (46%) dos fragmentos não foi possível a identificação da técnica, por se tratar de fragmentos pequenos (Gráfico 1):

18

### Frequencia Técnica de Manufatura

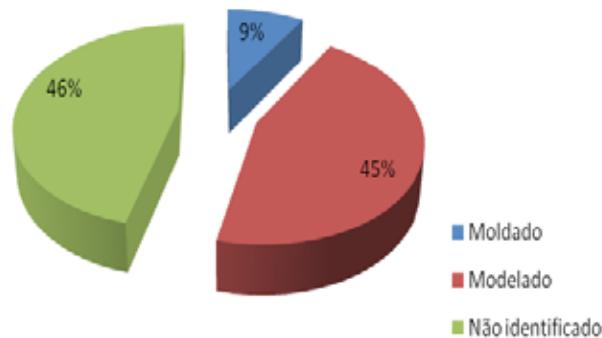


Gráfico 1: Frequência técnica de manufatura dos cachimbos do Sítio Aldeia do Carlos.

As variações morfológicas das peças permitiram a classificação em dois tipos de cachimbos: angular, com 33 (42%) exemplares; tubular, um único cachimbo (1%); e os demais fragmentos (57%) não apresentaram elementos, fornilho e porta-boquilhas que pudessem ser classificados nessas categorias (Gráfico 2).

## Frequência dos Tipos de Cachimbos

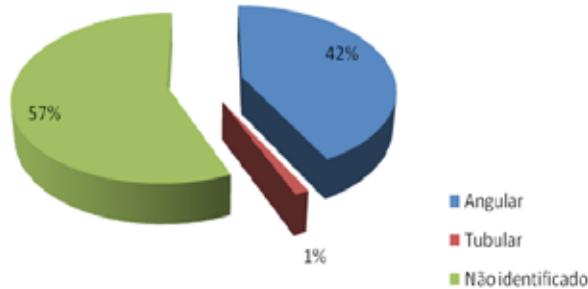


Gráfico 2: Frequência dos tipos de cachimbos do Sítio Aldeia do Carlos.

A morfologia das partes do cachimbo, forninho e porta-boquilha, também apresentaram variáveis que puderam ser enquadradas em níveis de classificação. Com forninho curto são 3 (19%); médio, 9 (56%); e longo, 4 (19%), em um total de 16 peças (Gráfico 3).

19

## Frequência Tipos de Fornilhos

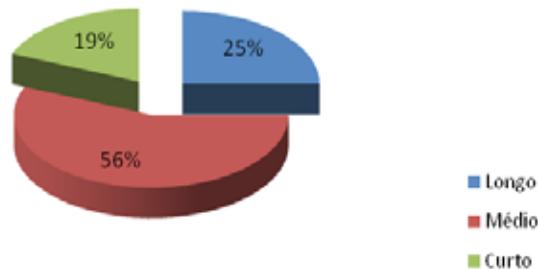


Gráfico 3: Frequência de tipos de forninho do Sítio Aldeia do Carlos.

A porta-boquilha foi agrupada, quanto à terminação, em reta, 11 (37%), e pisciforme, 10 (33%) e, 9 (30%) não identificados, o que totaliza 30 peças, (Gráfico 4). É oportuno aclarar que nessas classificações foram utilizados os fragmentos de cachimbos e as peças de forninhos e as porta-boquilhas separados, por isso a divergência quanto à totalidade das peças.

## Frequencia Tipos de Boquilhas

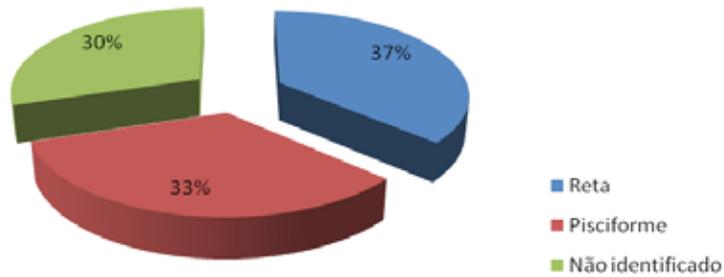


Gráfico 4: Frequência de tipos de boquilhas do Sítio Aldeia do Carlos.

20 A análise revelou, ainda, a predominância total, 78 (100%), dos fragmentos de cachimbos em decoração alisada, salvo um único exemplar que apresenta também traços incisos na parte dorsal (Figura 11); com antiplástico areia fina e queima completa.



Figura 5 : Cachimbo angular com forninho curto (Foto: Adolfo Okuyama).



Figura 6: Cachimbo angular com a borda do forninho reforçada (Foto: Adolfo Okuyama).



Figura 7: Fornilho do tipo longo  
(Foto: Adolfo Okuyama).



Figura 8: Porta boquilha do tipo reta à esquerda e porta-boquilha pisciforme à direita. Foto: (Adolfo Okuyama).



Figura 9: Cachimbo angular fornilho médio (Foto: Adolfo Okuyama).



Figura 10: Cachimbo fragmentado com restos de fuligem nas partes internas e externa. (Foto: Adolfo Okuyama).



Figura 11: Cachimbo tubular com decoração incisa linear na parte dorsal da peça.  
(Foto: Adolfo Okuyama).

22

Ao tratar da funcionalidade dos cachimbos utilizados para o consumo de ervas, mais comumente o tabaco, faz-se necessário aprofundar a discussão a partir das fontes históricas que remetem à origem e propagação do fumo entre os povos através do tempo e espaço. De acordo com Cavalcante (2010), a simbologia dessa prática remete a cerimônias religiosas, símbolo de *status*, alternativa ao cigarro ou, simplesmente, um hábito per si.

O cachimbo é formado pelo forninho, local onde se deposita o fumo, seguindo técnicas de enchimento, e, pelo duto de ar, boquilha, com a introdução de uma piteira, aspira-se a fumaça para a boca. Dependendo da substância queimada, ela pode reagir de diferentes formas com o organismo do fumante. No caso do tabaco para cachimbo, sua composição ácida faz com que a nicotina seja absorvida pela mucosa bucal, sem a necessidade de ser aspirada pelos pulmões, o que comumente chama-se *tragar*.

O tabaco (*Nicotiana tabacum*)<sup>2</sup> e sua utilização em cachimbos tiveram início nas Américas, no período pré-colombiano (LERÓI-GOURHAN, 1984), quando eram mascaradas e até usadas como supositório. A antiguidade do cachimbo ultrapassa, de acordo com Wilbert (1994 *apud* Lombardo, 2007), os 3.000 anos. A principal razão para o consumo de acordo com Cavalcante (2010) era mística: o tabaco permitia um contato com espíritos. Presente nos rituais sagrados dos povos ameríndios, significava, para

---

2 O nome científico *Nicotiana tabacum* refere-se a uma homenagem ao médico e diplomata Jean Nicot, que enviou da América no século XV as primeiras sementes à rainha da França, Catarina de Médici, para divulgar a nova medicina (VERGARA ; AQUINO, 2010).

algumas culturas, a união do mundo terrestre (representado pelas folhas) com o celeste (representado pela fumaça).

Mas outras funções eram atribuídas ao tabaco. Seu efeito levemente analgésico e antisséptico era indicado para dores de dente ou feridas, e todo doente recebia baforadas. A fumaça também marcava os eventos sociais, como as guerras. Era ainda usado por prazer, pela agradável sensação de alerta e de energia que a planta dá ao corpo (VERGARA; AQUINO, 2010).

Lendas e rituais interligando tabaco, sociedade e religião fazem parte também da cultura dos nativos da América do Sul e, devido ao fato de que a planta do tabaco originou-se nesse subcontinente, é até possível que sejam mais antigos que na América do Norte (CAVALCANTE, 2010).

Lombardo (2007) infere que a ligação entre os deuses dos quatro cantos do mundo e a possibilidade de enviar mensagens e receber respostas e inspiração por parte deles por meio da fumaça do tabaco está presente em grande parte das culturas indígenas das Américas. Incluem-se aí as religiões maia e asteca da América Central, sugerindo uma comunicação cultural ou uma tradição comum a todos os nativos das Américas, que possivelmente acompanhou a difusão do uso do tabaco. Ao mesmo tempo, disseminou-se o uso de outros derivados vegetais com efeito alucinógeno, capazes de provocar o transe visionário durante o qual os pajés achavam poder melhor comunicar-se com os deuses

23

Na opinião de Wilbert (1994 *apud* Lombardo, 2007), o uso do tabaco e de drogas psicotrópicas pode ter se iniciado com a extinção dos grandes mamíferos e a passagem para a horticultura, acontecimento datado entre 6 e 8 mil anos atrás. Mas é também possível que já no estágio de caçadores-coletores tivessem conhecido casualmente as propriedades do tabaco, passando depois para um estágio de procura consciente para chegar finalmente ao cultivo.

Alguns cronistas e viajantes, Aquino (2003), indicam que a utilização do fumo pelos indígenas brasileiros faz-se presente desde a Pré-história até os dias atuais, sendo que em tempos pretéritos essa prática era executada mais frequentemente pelo pajé do grupo, nas manifestações mágico-religiosas.

De acordo com Nardi (1987), os primeiros consumidores desde a colonização pertenciam às camadas mais baixas da sociedade: marinheiros, soldados, colonos mais pobres e mamelucos. Quando começou a introdução de negros, estes se tornaram grandes apreciadores. Foi somente no decorrer do século XVII que as demais classes adquiriram o gosto de fumar: mercadores, senhores de engenho e funcionários.

## AMOSTRAGEM DA CERÂMICA DA ALDEIA DO CARLOS

A análise da amostragem de cerâmica utilitária encontrada no sítio priorizou o elemento da decoração externa, de forma a colaborar com a análise dos cachimbos, a fim de se conhecer parte do repertório ceramista fabricado pelos grupos que ocuparam e/ou passaram pela Aldeia do Carlos em períodos distintos. Para tanto, trabalhou-se em consonância com os procedimentos adotados em Caldarelli (2003) e com a terminologia dos atributos definida por Chmyz (1976) e La Salvia e Brochado (1989):

Consideram-se como elementos decorativos os seguintes tratamentos da superfície externa:

- a. Corrugado: decoração em que os cordéis de argila utilizados na confecção da cerâmica são ligados entre si por meio de arrastes, mais ou menos regulares, da argila ainda úmida, executados com o dedo polegar, em sentido perpendicular, oblíquo ou transversal à borda das vasilhas, formando dobras (Figura 12 - a).
- b. Roletado: tipo de decoração que consiste em conservar visíveis os roletes de confecção das vasilhas, sem pressionar e alisar a superfície externa (Figura 12 - b).
- c. Alisado: este tratamento é feito a partir de uma técnica de nivelamento, o que atribui ao vasilhame uma superfície lisa e homogênea (Figura 12 - c).
- d. Polido: esta técnica de tratamento é realizada após o alisamento da superfície dos vasilhames e atribui à cerâmica uma característica lustrosa (Figura 12 - d).

24



Figura 12: Tipos de tratamento de superfície da cerâmica do Sítio Aldeia do Carlos.

Para o efeito de amostragem, consideraram-se 3.744 (7%) dos fragmentos cerâmicos pertencentes à categoria de vasilhames, que totalizam 57.292 fragmentos, escolhidos aleatoriamente. A análise apontou a existência de fragmentos com decoração do tipo alisado, 1.886 (50%); corrugado, 1.717, (46%); polido, 72 (2%); roletado, 34, (1%); e não identificados, 35 (1%) (Gráfico 5).

Ressalta-se neste trabalho que a análise da amostragem da cerâmica do Sítio Aldeia do Carlos trouxe dados pertinentes porque pretende apenas uma contextualização dos cachimbos cerâmicos. Todavia, para obter maior fundamentação na caracterização do(s) grupo(s) ceramista(s) que a produziram em tempos distintos, é necessária a análise completa da totalidade dos vestígios.

## PARALELOS E APROXIMAÇÕES

A análise estilística dos cachimbos do Sítio Aldeia do Carlos revela uma dominância da técnica de manufatura modelada sobre a moldada, o que explica, possivelmente, a falta de recorrência dos tipos classificados de 1 a 6. A decoração em sua totalidade é alisada, com destaque para um único exemplar que apresenta também traços incisivos lineares na parte dorsal. A morfologia recorrente é a angular, e um único exemplar de tubular aparece como elemento invasivo ou trata-se de um ícone com significado diferenciado para o grupo. A funcionalidade aponta para o uso do cachimbo como instrumento para fumar tabaco.

25

A homogeneidade observada no estilo dos cachimbos permite propor que se trata de um elemento que pode estar relacionado ao perfil técnico-cerâmico de um grupo ou de grupos em ocupações distintas, que mantiveram contato e o hábito de fumar tabaco utilizando o cachimbo cerâmico; propagou-se através do tempo, antes e após a colonização. Isso em consonância com a datação de Azevedo (2011), que apontou 3 períodos de ocupação para o sítio, de 300– 400, 600–800 e 1.100–1.200 AP.

As pesquisas arqueológicas indicam, com relação aos cachimbos cerâmicos, que o seu uso se faz presente na América do Sul e na América do Norte. No Brasil, segundo D'Aquino (2003), a prática do fumo nos cachimbos cerâmicos tubulares e angulares estende-se de norte a sul, diferenciando-se nas técnicas de manufatura e, em alguns casos, na morfologia.

Os cachimbos tubulares e angulares segundo Prous (1992) são encontrados em sítios pré-históricos de todo o Brasil, entretanto, em poucos casos, tem-se datações aceitáveis: um dos casos mais bem documentados, em Luna (2001), é o sítio arqueológico de Canindé do São Francisco, onde foram encontrados cachimbos em camadas com datações obtidas por meio de técnica do radiocarbono entre  $2530 \pm 170$  e  $1280 \pm 45$  AP.

Quanto ao uso pelos grupos indígenas, não se pode precisar, de acordo com Oliveira e Brito (2007), que o cachimbo do tipo tubular era utilizado pelo Tupi, mas, certamente, foi largamente utilizado pelos Cariri. Esta afirmativa tem como base o relato de Marcgrave (1982 *apud* Oliveira e Brito, 2007), que diz que estes indígenas em Pernambuco usavam tubos retos, largos, de madeira ou de argila, tão amplos que podiam conter uma inteira mão de tabaco.

Segundo Estevão Pinto, entre os desenhos de selvagens brasileiros, existentes no Museu Etnográfico de Copenhague, do século XVII, outrora pertencentes à coleção do príncipe Maurício de Nassau, figura o de um tapuia fumando um longo cachimbo. Jean de Léry também alude sobre tais cachimbos tubulares usados pelos Caraíbas em certas cerimônias. Esse tipo de cachimbo parece ser o mais antigo e difundido na América. Na Paraíba, o pesquisador Leon Clerot encontrou um cachimbo tubular confeccionado em barro (OLIVEIRA; BRITO, 2007).

26

Na cidade de Araçagi (PB), segundo Oliveira e Brito (2007), foi encontrado, ainda, um exemplar de cachimbo tipo angular. Discute-se a origem desse tipo como sendo pré ou pós-cabralina. Segundo afirmam muitos, essa forma teria sido introduzida no Brasil pelos europeus. Embora, hoje em dia, já se admita que o cachimbo angular, entre algumas tribos indígenas brasileiras setentrionais remonte à influência extra-americana, entre outros indígenas da região de Santarém-PA trata-se de um elemento cultural puramente ameríndio.

Ao tratar da presença dos cachimbos cerâmicos no sudeste do Piauí, é primordial referenciar o Sítio Aldeia do Carlos, que pertence ao contexto das 14 aldeias catalogadas<sup>3</sup> na área do Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno (Figura 13).

---

<sup>3</sup> Dados obtidos nos arquivos da Fumdham, 2011.

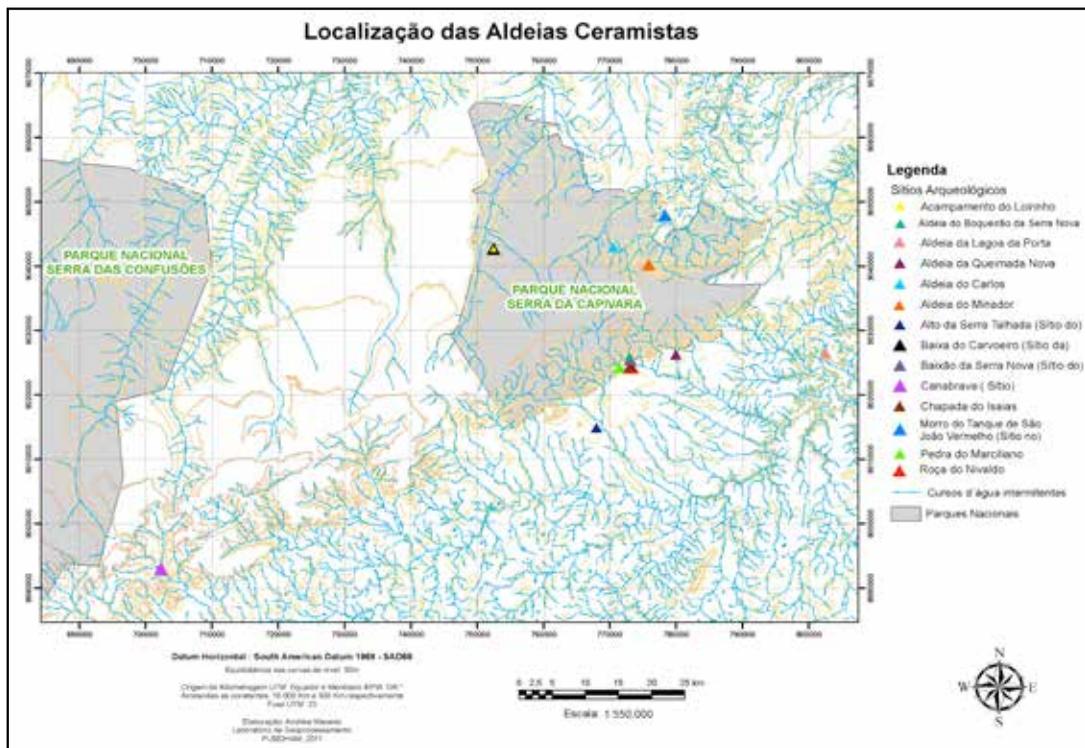


Figura 13 – Mapa de localização das aldeias ceramistas do Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno. Fonte: Laboratório de Geoprocessamento – Fumdhm.

Ao correlacionar os dados sobre os vestígios cerâmicos do Sítio Aldeia do Carlos, cachimbos e cerâmica utilitária, com os das aldeias da região, mais pesquisadas até o momento, Aldeia da Queimada Nova, Barreirinho, Sítio Cana Brava e São Braz, surgem similitudes no tocante à decoração com predominância para a alisada, corrugada e polida. O cachimbo cerâmico se faz presente nos sítios: Baixão da Serra Nova, Aldeia da Queimada Nova, Cana Brava e Barreirinho.

A partir dessas constatações, pode-se propor que, no Sítio Aldeia do Carlos, há características cerâmicas, a saber: formas de vasilhames simples, com decoração corrugada, alisadas, incisas, de bordas diretas e cachimbos com caldas de peixes, que num momento posterior, com o aprofundar das pesquisas, pode assinalar uma tradição ceramista.

Os grupos pré-históricos ceramistas que ocuparam o sudeste piauiense foram, de acordo com Oliveira (2002), os Kamakan, Botocudo, Gês, Kariri e Coroadó. No caso do Sítio Aldeia do Carlos, cujas datações apontaram 3 períodos de ocupação, Azevedo (2011) sugere a passagem de pelo menos 3 grupos ceramistas pela região em épocas distintas.

A análise dos cachimbos e a referência de uma amostragem da cerâmica utilitária do Sítio Aldeia do Carlos permitiram assinalar elementos decorativos para se conhecer parte do repertório estilístico ceramista de grupos que por ali viveram. Com o aprofundar das pesquisas, pretende-se a filiação do sítio a uma tradição regional. O que se pode inferir é que foram levantados dados pontuais sobre os elementos técnicos, morfológicos e funcionais dos cachimbos, que permitem uma primeira hipótese para a caracterização do perfil técnico-cerâmico desses objetos.

Quanto à definição dos grupos humanos que ocuparam o sítio, com base nas datações que apresentaram 3 períodos distintos de ocupação, só será possível realizá-las mediante as correlações advindas das análises dos vestígios arqueológicos, dados ecológicos e etno-históricos dos sítios pertencentes ao contexto das aldeias do Parque Nacional Serra da Capivara.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, R. L. Datação por Termoluminescência de cerâmicas do sítio arqueológico Aldeia do Carlos (PI) – Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2011.

CALDARELLI, S. B.; Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista. São Paulo SP - 170 Rodovia Carvalho Pinto. São Paulo: Instituto de Pesquisas em Arqueologia/Universidade Católica de Santos, 2003.

CAVALCANTE, D. O cachimbo. Artigo em Cachimbaria Arte, 2010. Disponível em [www.cachimbo e arte](http://www.cachimbo e arte) consultado em 20 de abril de 2011.

CHMYZ, I. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica. Manuais de Arqueologia n° 1, Curitiba, parte I, 1976.

D'AQUINO, G. Os cachimbos tubulares falomorfos cerâmicos de Alenquer, Pará. Revista CLIO, Recife: Editora da UFPE. n. 16. p 193–201, 2003.

Fumdham. Caderno de Campo do Sítio Aldeia do Carlos, 2006. Piauí, 2006.

MARANCA, S. Agricultores e Ceramistas da área de São Raimundo Nonato. Revista CLIO Arqueológica. Anais I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, 1987. Editora da UFPE. v. 1, n° 4, p 95–97, 1991.

MARTIN, G. A. Pré-História do Nordeste do Brasil. 5ª edição. Recife: Editora Universitária- UFPE, 2008.

NARDI, J. B. O fumo no Brasil Colônia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

OLIVEIRA, A. S. N. O Povoamento colonial do sudeste do Piauí: Indígenas e colonizadores, conflitos e resistência. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2007.

OLIVEIRA, C. A. Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí. 2000. 302f. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Perspectiva Etno-Histórica no estado do Piauí - Brasil. Revista CLIO Arqueológica. Editora da UFPE. v. 1, n° 15, p.171–188

OLIVEIRA, T.B; BRITO, E. F. Cachimbos indígenas. Coluna Arqueologia.com. [www.brejo.com](http://www.brejo.com). Consultado em 6 de junho de 2011.

OLIVEIRA, C. A.; LUNA, S.; NASCIMENTO, A. O perfil técnico-cerâmico de grupos étnicos pré-históricos.

Clio – Série Arqueológica, Recife, v. 1, n. 7, p. 61–85, 1991.

LERÓI-GOURHAN, A. Evolução e técnica II – o meio e as técnicas. Lisboa: Edições 70, 1984.

LOMBARDO, F. O Cachimbo ontem, hoje e amanhã. Editora Thesaurus. 1ª edição, 2007.

LUNA, S. As populações ceramistas pré-históricas do Baixo São Francisco Tese de Doutorado. UFPE, 2001.

PINTO, E. Índios do Nordeste. São Paulo, v. 1, n 44, 1938. il. (Col. Brasileira, Ser. 5).

PROUS, A. Arqueologia Brasileira. 1ª edição, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1992.

SALVIA, F. L.; BROCHADO, J. P. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

VERGARA, R.; AQUINO, M. A ascensão e queda do Tabaco, Revista Superinteressante. 2010.